

Análise do discurso sobre o consumo de drogas: o papel do design na mediação de vivências

Analysis of discourse on drug use: the design role in mediating experiences

Pedro Joffily de Araújo

design, mediação, análise do discurso, metodologia

Uma metodologia é desenvolvida e aplicada para realizar conversas sobre temas sociais polarizantes, determinando maneiras de alcançar compartilhamentos genuínos e uma compreensão mais empática e aberta das variadas experiências do consumo de drogas na sociedade. Conversas espontâneas são propostas em um espaço público e os engajamentos manifestam discursos em que é possível observar os contextos pessoais dos sujeitos e a construção de sua narrativa. O design enquanto mediação permite a observação desse discurso e também facilita a criação de reflexões e compreensões mais profundas desse tema. As informações observadas no discurso são de natureza pessoal e contextual, trazendo empatia e compreensão como elementos fundamentais do desenho dessas interações.

design, mediation, discourse analysis, methodology

A methodology is developed and applied to create conversations about polarizing social themes, determining ways to achieve genuine sharings and a more open and empathetic comprehension of the various experiences of drug use in society. Spontaneous conversations are proposed in a public space and engagements expose discourses where personal contexts of subjects and a narrative construction are observable. Design as mediation enables observation of this discourse and also facilitates the creation of deeper reflections and comprehensions of this theme. Observed informations have a personal and contextual nature, bringing empathy and comprehension as fundamental elements of these interactions design.

1 Introdução

Esse artigo busca compreender maneiras pelas quais ferramentas e práticas de design podem proporcionar espaços de mediação sobre temas de interesse social em geral, especialmente os mais polêmicos e polarizadores. A aplicação dessa metodologia é necessária no momento em que se admite a complexidade das experiências que várias pessoas ao longo de suas vidas têm em relação a temas que causam forte dissenso. Nesse caso, optou-se pelo tema do consumo de drogas. Dentro do contexto de uma sociedade que pratica a guerra às drogas, a consciência social dessa complexidade é fundamental para possibilitar novos caminhos, culturas e políticas públicas que abarquem as várias possíveis experiências pessoais com drogas. Essa maior compreensão pode levar pesquisadores, profissionais e ativistas para um desenvolvimento mais adequado de projetos, políticas públicas e ações sociais.

O design nesse contexto é entendido como um saber ou prática que procura mediar interações, dados e pessoas. Tal mediação pode ocorrer na confecção e preparação de artefatos, sistemas, locais, ou com a determinação de aspectos comportamentais que moldam uma presença corporal necessária e desejável para que uma mediação ocorra.

Anais do 9º CIDI e 9º CONGIC

Luciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta,
Cristina Portugal (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI

Belo Horizonte | Brasil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

Proceedings of the 9th CIDI and 9th CONGIC

Luciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta,
Cristina Portugal (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI

Belo Horizonte | Brazil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

Devido à delicadeza do tema, o método desenvolvido para a realização dessas conversas foca no envolvimento e conforto emocional, proporcionando um ambiente para uma interação com segurança. A informação que se busca é a compreensão dos discursos e opiniões divergentes observadas pela análise do discurso, necessariamente de maneira contextual dentro da vida do sujeito. O método também é necessariamente colaborativo, pois o designer atua como mediador do sujeito com sua própria história e a observa dentro de um contexto emocional e social.

2 Metodologia

As principais referências para a delimitação geral dessa pesquisa vêm do conceito de pesquisa qualitativa de Flick (2009) e dos engajamentos espontâneos desenhados por McEntee (2016).

A metodologia de McEntee (2016) consistiu em engajamentos espontâneos em bares da cidade de Nova York, com uma sinalização ao lado da pesquisadora e nas suas costas que convidava quem quisesse a sentar-se ao seu lado e iniciar uma conversa sobre seu tema (no caso, racismo estrutural), com algumas perguntas para guiar a interação, focando em experiências e histórias pessoais. Seguindo essa referência, foi decidido que as conversas aconteceriam apenas com o interesse espontâneo da pessoa pela interação, para o engajamento ser genuíno. As conversas também deveriam acontecer em locais públicos, onde uma sinalização informaria a passantes a possibilidade de ter uma conversa sobre uso de drogas com o pesquisador. Esse tema em espaços públicos pode inibir possíveis interessados, mas também a normaliza, por não acontecer em um ambiente formal ou despersonalizado, e sim em ambientes do cotidiano. A curiosidade despertada pela possibilidade de uma interação incomum também é uma maneira de engajar passantes, inclusive os que nem cogitariam ter essa conversa em circunstâncias normais.

Foi determinado que as conversas fossem individuais, para permitir à pessoa um espaço confortável para a exposição de suas próprias experiências e a construção de uma narrativa ou uma teoria subjetiva sobre o tema abordado (Flick, 2009). As perguntas elaboradas para orientar as conversas focam em extrair memórias, emoções e sentimentos no contexto de suas vidas.

Esse processo de mediação não é uma tentativa de mudar opiniões, mas não deixa de ser um espaço em que é possível haver mudanças de percepção e de discurso, através de interações com pontos de vistas diferentes, mas principalmente através de um processo interno do sujeito de reconhecimento e redefinição das próprias narrativas e experiências. Como explica McEntee (2016), “esses engajamentos são tanto para descobrir novas informações sobre a presença e a compreensão de vieses e privilégios, quanto para oferecer um espaço para pessoas conscientizarem-se dessas influências”.

Faz-se uma distinção necessária entre dois tipos de saber: o saber intelectual e o saber empático (McEntee, 2016). O intelectual tem sua importância na construção de discursos e opiniões, mas convicções pessoais são também inevitavelmente informadas pelas experiências emocionais com as quais sujeitos conseguem se relacionar pessoalmente. É necessário entender o contexto de vida e as experiências de uma pessoa para compreender com profundidade seu modo de ver. Com a preocupação de entender quais experiências moldam tais pontos de vista, o método para a mediação dessa interação valoriza a escuta ativa e o foco nas emoções e relações semânticas evocadas na conversa.

A metodologia estabelecida evita interações que possam parecer professorais ou impositivas. Não há a intenção de transformar a consciência ou modo de pensar das pessoas envolvidas nas conversas; se isso acontece, é apenas de uma maneira espontânea e imprevisível. A realização de um debate em que se procure vencer alguém, por mais cabível que seja em determinados contextos, aqui traz o possível indesejável efeito de afastar

as pessoas, que se fecham para um compartilhamento genuíno de experiências. A mera exposição a argumentos, dados ou experiências contrárias às convicções de alguém não é suficiente para realizar uma transformação de pensamento.

A partir do exposto, é importante ressaltar que após a aplicação da pesquisa, a análise do discurso é vista como fundamental para alcançar os objetivos da pesquisa. Essas mediações são compreendidas dentro de um entendimento específico do discurso enquanto um reservatório cultural e interpessoal de dizeres, com significados reproduzidos diariamente em falas, comportamentos e suposições (Orlandi, 2003). A própria escolha das palavras que são ditas ou não são uma representação específica momentânea desse interdiscurso compartilhado socialmente. Assim, antes da realização das conversas, foi criada uma matriz para possíveis interpretações de como as falas poderiam “ressuscitar” específicos dizeres e suposições comuns ao tema do consumo de drogas. Essa análise também fez parte da elaboração das perguntas que guiarão as conversas.

A matriz é composta basicamente de quatro questões fundamentais que a pesquisa em si procura compreender melhor dentro da área do consumo de drogas, e também pressupostos de que trechos do interdiscurso provavelmente aparecerão sobre cada uma dessas questões.

1. como se faz a definição de “droga” e de “usuário”? (contextos e experiências específicas em que drogas apareceram de algum jeito na vida do sujeito influenciam nessa definição);
2. quais mitos e dogmas habitam diálogos sobre o tema? (há dizeres do “senso comum” que reproduzem ideias descontextualizadas e polarizadas sobre o tema, tanto no lado proibicionista quanto no lado liberal do assunto);
3. como se cria consciência e reflexão sobre a guerra às drogas? (a guerra às drogas em si não costuma ser o alvo direto de críticas e é naturalizada; algumas experiências específicas podem quebrar esse padrão);
4. como as conversas sobre o consumo de drogas escalam para a polarização? (vários estigmas e preconceitos ligados às drogas causam emoções difíceis de controlar em certos contextos).

Um questionário foi elaborado com perguntas que buscam destrinchar essas questões maiores, sempre com uma linguagem direcionada ao que o sujeito sentiu e experimentou em determinadas circunstâncias, co-criando uma narrativa de seus eventos pessoais e evidenciando como o sujeito descreve e faz sentido de sua história. Os pressupostos foram estabelecidos através de uma pesquisa das experiências de políticas públicas com consumo e usuários de drogas, da criação da guerra às drogas em 1971 pelo então presidente dos EUA, Richard Nixon (Fiore, 2012), à política de redução de danos e descriminalização em Portugal, em 2001, e sua mudança de cultura associada ao consumo.

A análise da guerra às drogas levou também ao desenvolvimento de dois espectros sociais em que seria possível mapear os sujeitos das conversas e suas possíveis experiências dentro da sociedade:

- o espectro da realidade racial-social do sujeito, em que sujeitos negros e/ou mais pobres estão mais propensos a ter vivido ou presenciado repressão estatal brutal e riscos maiores associados ao uso de drogas, como deterioração da saúde e vida social, encarceramento, empobrecimento, violência e estereótipos racistas; e sujeitos brancos e/ou mais ricos tendem a sofrer menos repressão estatal e menos contato com os riscos associados ao consumo de drogas;
- o espectro da consciência da guerra às drogas (que se intersecta com o espectro do uso de substâncias ilegais), em que sujeitos com um tipo de contato com substâncias ilegais (mesmo que seja meramente intelectual) tendem a observar mais complexidade no consumo de drogas, seus possíveis contextos terapêuticos, recreativos e espirituais, a violência e falhas da guerra às drogas, e a necessidade da inclusão e

aceitação no tratamento de pessoas com abuso de substâncias, em vez de sua exclusão e encarceramento; e sujeitos sem contato com substâncias ilegais tendem a ter uma visão mais simplificada do tema, altamente influenciada pela visão naturalizada da guerra às drogas, diferenciando substâncias ilegais das legais por sua natureza intrínseca puramente negativa.

Sob consentimento, as conversas foram gravadas para uma maior análise posterior ser possível.

A pesquisa ocorreu em três locais de passagem de estudantes, professores e servidores da Universidade de Brasília: o Instituto Central de Ciências, a Faculdade de Saúde e a Faculdade de Direito, com uma sinalização desenvolvida ao longo das conversas que se provou convidativa e legível o suficiente para haver um bom tempo para reflexão entre a percepção da placa e a decisão de participar da conversa. A postura do pesquisador foi de disponibilidade e receptividade enquanto se espera por um voluntário, sem encarar ou convidar explicitamente alguém para a conversa. Esta só se inicia se alguém se voluntaria. Algumas interações aconteceram sem o sujeito se dispor inteiramente à conversa. Quando a conversa começa, é feito uma pequena explicação do projeto e é pedido a permissão para gravar a conversa.

Foram realizadas 21 conversas no total, e a maioria dos participantes eram estudantes que já tinham tido algum contato com substâncias ilícitas e se posicionavam de alguma maneira contra os preconceitos ligados ao consumo delas, e contra a guerra às drogas. É natural esse resultado, visto a localidade escolhida para a realização das conversas e a maior abertura do tema com pessoas que se identificam com a pesquisa de alguma maneira. O Instituto Central de Ciências é o local principal de passagem de diversos estudantes do campus, e as Faculdade de Saúde e de Direito foram escolhidas por poder oferecer pontos de vista mais conservadores. Em geral, todas as conversas ofereceram pontos de vista relevantes para a pesquisa, e não houve manifestações diretas negativas.

Houve três mediações consideradas fundamentais para a pesquisa por serem as mais “extremas”, ou seja, relatos que vêm de contextos sociais mais específicos e distantes do meu próprio. O contraste oferecido nessas interações ajuda a evidenciar o quão diferentes as percepções sobre o tema podem ser a depender dos contextos sociais dados e suas análises são ricas em várias interpretações. Esses perfis são de um estudante com contato direto e descrito como positivo com substâncias ilícitas e alucinógenas, sendo este um dos participantes que se situa como negro e mais pobre no espectro racial-social; um estudante com experiências passadas com substâncias ilícitas, quando muito novo, depois convertendo-se para o evangelismo e deixando o uso de substâncias, e com uma opinião política próxima do liberalismo e conservadorismo; e de uma professora de medicina, com uma visão bastante contextual e compreensiva do consumo de drogas, com reflexões muito pertinentes sobre a natureza psicológica e emocional desse consumo, mas também reproduzindo falas típicas do proibicionismo.

Na análise total, procurou-se entender como os discursos relacionam-se com as questões de pesquisa e pressupostos estabelecidos anteriormente. Observa-se uma definição aceita como padrão de “droga” (“uma substância exterior que altera seu interior de algum jeito”), que ao longo das mediações ganha contornos específicos. A ilegalidade e a periculosidade aparecem como definidoras em casos específicos, e sua conotação negativa aparece bastante, principalmente para as drogas ilícitas, em geral consideradas mais danosas e viciantes. O conceito de artificial, ao contrário do natural, também aparece na definição de droga ou no seu nível de periculosidade. Percepções mais detalhadas incluíam a dosagem e o contexto como fundamentais para um julgamento. Houve uma discussão rica sobre drogas legais “invisíveis” como açúcar e cafeína.

Certas falas reproduziram percepções de “senso-comum”, como vícios fisiológicos imediatos, associações de personalidades e comportamentos com certas drogas, a naturalização de certas substâncias e hábitos por sua legalidade ou aceitação social em

determinados grupos sociais, ilegais ou legais, e a necessidade percebida do encarceramento ou tratamento compulsório de determinados usuários. Em geral aparece também a ideia da descriminalização como algo muito utópico ou complicado de se alcançar pela cultura e situação atual política brasileira.

Os fatores que criam consciência e críticas sobre a política da guerra às drogas são de ordem intelectual, com pesquisas e debates, ou vivencial, com o contato direto ou indireto com drogas ilícitas, deparando-se com um contexto mais ameno e controlável do que a educação sobre drogas em geral alegava. Há uma frustração com esse tipo de educação simplificada, e gratidão em contextos em que a educação foi mais aberta e autônoma. Porém, a guerra às drogas em si quase não é citada, e a percepção direta de violência policial não é dominante nas mediações.

Foi indicado que uma abertura prévia de ambas as partes de um diálogo é fundamental para uma conversa produtiva, assim como as mediações do projeto, evitando-se características como agressividade, extremismo e dogmatismo. Em muitos contextos, o diálogo é considerado quase impossível, pelo medo de sujeitos serem identificados com um estereótipo e pelas possíveis convicções fortes e reativas que poderiam acontecer. Conversas abertas em geral são descritas como mais produtivas, recompensadoras e conectantes emocionalmente, ressaltando-se também a importância das pessoas realizarem suas próprias pesquisas sobre o consumo de drogas.

3 Considerações finais

Vários pontos de vista interessantes foram observados em várias conversas. As que se destacaram, porém, tendem a ser as que explicitam os contextos sociais e valores mais distantes dos meus próprios. Esse método para realizar mediações, com o objetivo de alcançar relatos subjetivos, deve necessariamente ser uma incorporação de intenção em comportamento e gestos, uma presença “performática” planejada para uma mediação específica, informada em parte pelas percepções e características do pesquisador. O designer, portanto, não tem como alcançar uma neutralidade, e por isso as percepções mais valiosas serão justamente as mais contrastantes de suas expectativas. Esse contraste pode ser observado como a qualidade observada por Portinari e Nogueira (2016) como própria do que é político, no sentido de permitir ao sujeito uma construção subjetiva-política ao se deparar com o que é notavelmente alheio a sua experiência pessoal.

O design enquanto presença abre mão de um controle do resultado das interações, permitindo cada pessoa ter uma contribuição direta para o desenvolvimento da conversa e ter um impacto sobre o designer e sobre si mesma. O método é uma “forma” que se modela pelo conteúdo trazido pelas pessoas envolvidas. A discussão sobre design ontológico trazida por Willis (2007) mostra o funcionamento hermenêutico de um projeto que, no uso, projeta a realidade junto do sujeito e também o projeta nessa ação. Um projeto que inclui na sua concepção esse conceito permite-se ser atravessado pelo que chega nele, como um contínuo entre intenção e materialização.

As mediações mostram-se ricas em interpretações e sentidos cuja compreensão é útil para gerar um ponto de contato maior e mais engajante com o público geral e estabelecer uma comunicação eficaz não só sobre consumo de drogas, mas também qualquer tema socialmente complexo e polarizante. Compreensão e empatia são elementos indispensáveis nessas mediações, pois é a escuta ativa e diversificada da maior quantidade possível de contextos sociais diferentes que possibilita iniciativas serem realmente relevantes, concretas e úteis para o público.

Referências

- Fiore, M. (2012). O lugar do Estado na questão das drogas: O paradigma proibicionista e as alternativas. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 92, p.9-21, mar. 2012.
- Flick, U. (2009). *Introdução a Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- McEntee, K. (2016). *Becoming Woke. Dissertação (mestrado)*. Parsons the New School, Nova York, 2016.
- Orlandi, E. P. (2003). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Portinari, D. B.; Nogueira, P. C. E. (2016). Por um design político. *Estudos em Design*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3.
- Willis, A. (2007). Ontological Designing – laying the ground. *Design Philosophy Papers Three*, p. 80-98.

Sobre o autor

Pedro Joffily de Araújo, bacharelado, UnB, Brasil <pjoffily@gmail.com>